

Darcy Ribeiro

**O BRASIL
COMO
PROBLEMA**

Apresentação

João Cezar de Castro Rocha

global
editora

SUMÁRIO

Darcy Ribeiro e <i>O Brasil como problema</i> - João Cezar de Castro Rocha	9
Nota do autor à primeira edição	15

O Brasil em causa

O Brasil no mundo	19
Crise ética e política	33
O Brasil como problema	46
O Brasil em causa	55
O índio e o brasileiro	77

Ensaaios

O povo latino-americano.....	105
A Amazônia e seus povos.....	125
A Suíça e a suicidade	135

Planos e fazimentos

O Memorial da América Latina.....	163
A Universidade do Terceiro Milênio.....	176

Temas e problemas

O Estado necessário	209
Uma chacina anunciada	212
Indignação	215
Universidade, para quê?	220
Minhas peles.....	247
Vida e obra de Darcy Ribeiro	255

Darcy Ribeiro e *O Brasil como problema*

O leitor deste livro deve adotar uma atitude iconoclasta que muito provavelmente agradaria a seu autor, isto é, deve começar a percorrer este instigante testemunho de um dos mais criativos e inquietos pensadores da cultura brasileira pelo último texto: “Minhas peles”. O título revelador constitui um convite para o entendimento de sua obra e, sobretudo, do *estilo* Darcy Ribeiro.

O usual teria sido a escolha de outra voz: *máscaras*. A noção do emprego de máscaras diversas no trato social é a marca-d’água do moralismo francês, inaugurando um modelo ainda hoje recorrente e que traduz a vida social em termos teatrais, pois todos, conscientemente ou não, representamos inúmeros papéis na sociedade.

Contudo, e de modo sintomático, Darcy escolheu um vocabulário propriamente visceral: *peles*. Eis um índice preciso para pensar sua vida e obra. Vejamos, ou melhor, escutemos suas palavras:

Meu tema, aqui, sou eu mesmo e devo versá-lo com o gosto que tenho e confesso de falar de mim. Quem sou eu? Às vezes me comparo com as cobras, não por serpentário ou venenoso, mas tão só porque, eu e elas, mudamos de pele de vez em quando. Usei muitas peles nesta minha vida já longa e é delas que vou falar.¹

Vaidade? Narcisismo? Claro que sim! Mas apenas parcialmente – e essa restrição faz toda a diferença, abrindo caminho para uma leitura radical da *diferença* Darcy Ribeiro.

Como contraponto à afirmação anterior, tem-se a “Nota do autor à primeira edição”. Nela, o leitor encontra uma advertência prudente:

1 RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. São Paulo: Global, 2015. p. 247.

Mas não se equivoque comigo. Nenhum escritor é inocente, eu também não... Confesso que quero mesmo é fazer sua cabeça. [...] E, apesar de mim, me queira bem.²

É bem isto: a força da *presença* Darcy Ribeiro depende das mesclas – palavra-valise do seu pensamento – incomuns de ingenuidade e autoironia, utopia e autocrítica. Sem essa mestiçagem conceitual, o gosto de falar de si mesmo não seria muito mais do que um traço psicológico.

Esse não é o caso do autor deste livro em nenhuma circunstância. Trata-se antes de um dilema estrutural que Darcy Ribeiro precisou enfrentar a fim de afirmar sua singularidade como pensador. A melhor maneira de compreendê-lo consiste em surpreender uma constelação similar em outros autores de diferentes contextos, mas irmanados por idêntico impasse.

Isto é, a oscilação intelectual e existencial constitui o pano de fundo no cotidiano de culturas não hegemônicas, dada a centralidade atribuída ao Outro, que, neste caso, são as vozes das nações que exercem hegemonia política, econômica e simbólica. Hegemonia que apenas foi reiterada no mundo globalizado contemporâneo.

Se não vejo demais, estamos às voltas com a mesma circunstância descrita com eloquência por Albert Camus no prefácio de seu primeiro livro:

[...] nesse mundo de pobreza e de luz onde vivi por muito tempo e cuja lembrança me salvou dos dois perigos que ameaçam todo artista: o ressentimento e a satisfação. [...]

Para corrigir uma indiferença natural, fui colocado a meia distância entre o sol e a miséria. A miséria me impediu de acreditar que tudo está bem sob o sol e na história; o sol me ensinou que a história não é tudo.³

Esse tipo de vaivém entre extremos, que sempre descobre um modo de estabelecer pontes, tornando a própria precariedade uma instância pro-

2 Ibidem. p. 9-10.

3 CAMUS, Albert. L'Envers et l'Endroit. In : _____. *Essais*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1965. p. 6.

dutiva, permite vislumbrar o quanto de autoironia subjaz ao narcisismo do autor de *Aos trancos e barrancos* (1985).

Ainda mais: pelo avesso, esse “gostar de si mesmo” é uma resposta bem-humorada, e no fundo necessária, ao veio dominante na tradição latino-americana, pois, se costumamos idealizar o Outro, ao mesmo tempo desprezamos nossas culturas, diminuindo o valor de nossos artistas e intelectuais.

Darcy Ribeiro, como foi comum em sua rica e múltipla trajetória, rompeu ostensivamente com esse padrão. Entende-se, então, o alcance político de sua vaidade: de fato, para um intelectual latino-americano, amor-próprio expressa o desejo legítimo de manter um diálogo de alto nível *entre pares*, em lugar de contentar-se com o papel pálido de discípulo aplicado, leitor endomingado do texto alheio. Dessa forma compreende-se a ruptura, pois, aqui, amor-próprio também é um ato político de engajamento a favor dos menos poderosos, dos menos favorecidos.

O autor de *Os brasileiros – Teoria do Brasil* (1972) explicitou sua posição na nota à primeira edição desta obra:

Os escritos espelham seus autores, refletindo sentimentos, ideias e manias. Os meus também. Neles me expresso com minha visão do mundo, que é a de antropólogo metido na militância política. Apaixonado pelos índios e pelos brasileiros, especialmente os negros e mulatos.⁴

Essa opção ajuda a esclarecer outro paradoxo constitutivo do *estilo* Darcy Ribeiro; na verdade, este livro é o retrato acabado desse paradoxo.

Refiro-me à capacidade incomum do autor de *Maíra* (1976) de produzir sínteses *na* dispersão, de preferência, *por meio* da dispersão. Desdobrando-se em múltiplas atividades – antropólogo; ensaísta reconhecido internacionalmente; professor universitário; criador de universidades em todo o mundo; ministro-chefe da Casa Civil de João Goulart; vice-governador do Rio de Janeiro; revolucionário da educação; idealizador do Centro Integrado de Educação Pública (Ciep), escola de tempo integral que ainda hoje perdura na memória do povo carioca; escritor de sucesso, etc. –, reinventando-se com

4 RIBEIRO, Darcy. Op. cit. p. 9.

novas peles, radicalmente avesso a máscaras, a *presença* Darcy Ribeiro tinha tudo para diluir-se: raio intenso de luz que impressiona, porém não deixa rastros; infinito livro de areia, cujas linhas se desfazem com a rapidez da fala desse autêntico Macunaíma redivivo que foi Darcy Ribeiro.

No entanto, o legado do autor de *O processo civilizatório* (1968) permanece atual e sua obra somente se torna mais importante à medida que o tempo passa. Ora, caro leitor, não se surpreenda, basta consultar o título deste livro: *O Brasil como problema*.

Eis o segredo da síntese no seio da dispersão: as preocupações plurais do antropólogo e político, as trezentas-e-cinquenta peles desse Calibã brasileiro, enfim, seu caleidoscópico apetite pela vida conheciam um norte preciso, régua e compasso dos quais nunca se afastou: o *Brasil*. Nascido em 1922, ano da Semana de Arte Moderna, Darcy Ribeiro, como poucos, levou adiante o projeto modernista de redescobrir o país, refundando a cultura nacional, no movimento entre o *lá* e o *cá* que tanto permitiu definir o trabalho antropológico, como ajudou a formar a literatura brasileira desde Domingos Caldas Barbosa, Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, nessa oposição adverbial consagrada na “Canção do exílio”.

Cuidado, porém, com uma previsível interpretação literal do título deste livro. *O Brasil* é menos um *problema*, em si, do que uma *experiência de pensamento*, uma *forma de convívio*, vale dizer, uma possibilidade de ser e de estar no mundo, uma maneira inventiva de se relacionar com a alteridade, em suma, uma potência ainda à espera de sua atualização plena.

No artigo que nomeia este livro, “O Brasil como problema”, o autor expõe o dilema nacional sem meias tintas:

Não nos esqueçamos de que o Brasil foi formado e feito para produzir pau-de-tinta para o luxo europeu. Depois, açúcar para adoçar as bocas dos brancos e ouro para enriquecê-los. Após a independência, nos estruturamos para produzir algodão e café. Hoje, produzimos soja e minério de exportação. Para isso é que existimos como nação e como governo, sempre infiéis ao povo engajado no trabalho, sofrendo fome crônica, sempre servis às exigências alheias do mercado internacional.⁵

5 Ibidem. p. 47.

O projeto de Darcy Ribeiro, pelo contrário, apostava na capacidade de autodeterminação do povo brasileiro. Porém, ela somente seria despertada por meio da educação. Ao que tudo indica, Trotski se equivocou, pois a revolução permanente não ocorrerá em trincheiras ou barricadas, mas no dia a dia modesto das salas de aula. E, especialmente nos colégios públicos, a tarefa mais urgente consiste na transformação de alunos em futuros cidadãos críticos. Por isso, o autor de *A universidade necessária* (1969) foi um semeador de escolas e universidades; afinal, para Darcy Ribeiro, a educação superior precisava adaptar-se às novas condições da sociedade da informação:

O saber desdobrou-se e se esgalhou tanto que o seu completo domínio é inatingível. Não pode, também, ser uma mera universidade local, formadora de quadros profissionais do tipo comum. O pleno desenvolvimento regional e nacional exige que se aproveite esta oportunidade de criação de uma nova universidade para fazer dela não um mero conglomerado de escolas de nível superior, mas aquele tipo de universidade que corresponda às exigências da modernização e desenvolvimento do Brasil.⁶

É uma *utopia selvagem*, sem dúvida; porém buscada com empenho total durante toda a sua vida. Tal empenho gerou uma energia única que permitiu um último gesto, característico do homem que nunca deixou de acreditar no impossível: enfermo, com um diagnóstico desfavorável, fugiu do hospital para escrever seu último livro, *O povo brasileiro* (1995).

Terminemos, pois, este prefácio com as palavras solares de Darcy Ribeiro:

Somos os portadores da destinação que, forçados pela história, nossos pais se deram, a seu gosto ou a seu pesar: plasmar este novo gênero humano, o brasileiro; com vocação mais humana, porque feito de mais humanidades e porque engendrado de forma mais sofrida. Um povo em que ninguém está enfasiado, nem tedioso; todos aspiram é à fartura e à alegria.⁷

João Cezar de Castro Rocha

6 Ibidem. p. 194.

7 Ibidem. p. 20.